

Uma perspectiva psicológica do *duplo* na literatura de Jorge Luis Borges

Ruben de Oliveira Nascimento¹

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas
“Paulino Soares de Sousa”, da UFJF.
ruben@ipsi.ufu.br

Resumo:

Neste trabalho desenvolvemos uma leitura psicológica do *duplo* na literatura de Jorge Luis Borges, a partir do conceito de *indivíduo* de Carl Gustav Jung. Buscamos analisar como a literatura de Borges permite a elaboração da relação eu-outro, numa mesma pessoa, pela imaginação e pelo simbolismo, vistos como recursos literários e psicológicos. Essa questão perpassa a obra desse importante escritor latino-americano que a empregou com maestria.

Uma parte de mim é todo mundo: outra parte ninguém, fundo sem fundo.

Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão.

Uma parte de mim pesa, pondera: outra parte delira.

Uma parte de mim almoça e janta: outra parte se espanta.

Uma parte de mim é permanente: outra parte se sabe de repente.

Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem.

*Traduzir uma parte na outra parte
– que é uma questão de vida ou morte –*

Será arte?

FERREIRA GULLAR (Traduzir-se)

¹ Psicólogo com Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Introdução

Na literatura, na arte, na mitologia ou na história, o simbolismo do duplo se faz presente com todas as sugestões filosóficas, psicológicas e morais que em sua aparência e conteúdo se pode perceber. O duplo, que tanto revela quanto amedronta quem com ele se defronta, está presente na duplicação da figura humana ou da personalidade, como podemos ver na lenda do Narciso, ou no livro intitulado “O Médico e o Monstro” de Robert L. Stevenson; no par que fazem Dom Quixote de la Mancha e Sancho Pança, na obra de Miguel de Cervantes, ou na relação entre os personagens do barbeiro e de Adenóide Hynkel, ambos interpretados por Charles Chaplin, no filme “O Grande Ditador”.

Além desses exemplos, objetos também duplicam com expressividade semelhante, como é o caso dos espelhos. Olhar-se no espelho pode ser uma experiência da vida inteira.

Assim como o espelho pela luz reflete a imagem, a luz que traz a imagem pode provocar reflexões sobre a verdade e a própria vida, incluindo a sombra que ela possui inconsciente, já que luz e sombra são complementares, pois, como comenta Byington (1988), um se faz do outro.

Na Psicologia, a imagem de si também exerce muita influência no desenvolvimento humano, em meio a luzes e sombras. Nesse caso, psicologicamente, “ver-se” assume importância no processo de crescimento e desenvolvimento da personalidade dos indivíduos, porque nossa compreensão do si-mesmo passa pela verificação do personagem que somos, com que rosto (ou máscara) mostramos nossa personagem e como dialogamos com o que se esconde por trás da máscara, interiormente. Em suma, o que temos de Imago em nossa psique.

No universo simbólico do duplo, a Palavra também pode representar um tipo de espelho. Na literatura, o *duplo* pode ter efeito semelhante como função intelectual de compreensão do mundo e de nós mesmos projetado no texto, tanto para autores quanto leitores. A arte tem essa capacidade de simbolizar o mundo na forma da linguagem que a tudo denomina e anima.

Nesse trabalho, abordaremos o *duplo* na obra de Jorge Luis Borges, de uma perspectiva psicológica, visando verificar o quanto a literatura pode ser veículo de elucidação do próprio homem, enquanto um personagem nesse mundo de significações, e o quanto pode revelar dos conflitos do homem consigo mesmo.

Jorge Luis Borges, poeta e ensaísta argentino, nasceu em 1899 em Buenos Aires e morreu em

1986 em Genebra, na Suíça. Indicado ao Prêmio Nobel de literatura, e ganhador de muitos outros prêmios literários em sua vida, desenvolveu sua obra ao redor do fantástico, do tempo e dos livros, semeando palavras em labirintos, escrevendo versos sobre as linhas do corpo dos tão temidos tigres, olhando para os espelhos com um temor antigo, falando sobre ruas, bairros, cidades, pessoas, ruínas e infinitos, com um assombro universal, comum a todos os homens.

Para abordarmos o *duplo* na obra de Borges, de uma perspectiva psicológica, e no enfoque que apresentamos acima, utilizaremos o conceito de *Individuação* da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Basicamente, no processo de *Individuação* ocorre o progressivo desenvolvimento psicológico dos indivíduos em busca do si-mesmo. Essa busca passaria pela confrontação produtiva entre a *persona* e os conteúdos inconscientes, ou entre o que me apresento socialmente e o modo como meus conteúdos inconscientes se configuram ou estão simbolicamente organizados. *Persona* e inconsciente, mesmo sendo, de algum modo, contrastantes, podem ser complementares. Portanto, o diálogo entre consciência e inconsciência faz parte do processo de *Individuação*, ou seja, luz e sombra em busca de uma só revelação. O tema do *duplo*, que acima evocamos, pode ser analisado ou refletido por esse viés teórico ou abordagem conceitual, se o virmos como uma conversação eu-outro, que no fundo é a mesma pessoa, como um caminho para a auto-reflexão. Na literatura de Borges, o simbolismo dessa conversação pode ser notado com esse sentido também.

A escolha de fazer essa verificação junguiana do *duplo* na obra de Jorge Luis Borges, já é significativa, na medida em que Borges é um autor do fantástico, do misterioso, do simbólico, do humano diante do assombro e de si mesmo; e de labirintos, tigres, relógios de areia, espelhos, etc, que também insinuam o *duplo*. Ao mesmo tempo, essa peculiaridade do autor torna difícil tal tarefa. Esse trabalho, sem a pretensão de esgotar tão difícil tema, tem o propósito de refletir aspectos da obra para uma discussão sobre o potencial da literatura como veículo de expressão de conflitos ou interesses psicológicos sobre o humano e seus limites externos e internos. Não é uma análise da obra do escritor, mas um realce de partes da literatura de Borges que entendemos dizer respeito ao tema do *duplo*, num viés psicológico.

Como a obra de Borges é extensa e complexa, não examinamos todos os possíveis *duplos* que sua obra comporta. Isso demandaria a realização de um trabalho muito mais intenso do que este que aqui apresentamos. Por isso, nos concentramos em alguns exemplos da obra literária que consideramos significativas para a análise que buscamos empreender. Com esse trabalho esperamos contribuir com o estudo da literatura latino-americana também em sua dimensão psicológica, no caso, representada nesse estudo pela significativa obra de Jorge Luis Borges.

O Conceito de Individuação

Em Psicologia, o tema do *duplo* é fundamental e pode ser vislumbrando ou analisado de muitas maneiras, direta ou figuradamente, mas, principalmente a partir de personagens ou conteúdos psicológicos em conflito, duplicados num mesmo sujeito: um consciente e outro inconsciente de si. Na psicanálise, o segundo território (o inconsciente) é bem mais vasto e mais significativo dentro da estrutura da psique humana. Por meio do e no simbólico, inconsciente e consciente podem dialogar entre si, em busca de uma maior clareza de expressão psicológica do sujeito ou de sua personalidade. O conceito de *Individuação*, na Psicologia Analítica de Carl G. Jung, aborda essas questões.

Jung comenta que “entre o que ‘eu faço’ e o ‘eu estou consciente daquilo que faço’ há não somente uma distância imensa, mas algumas vezes até mesmo uma contradição aberta. Conseqüentemente existe uma consciência na qual o inconsciente predomina, como há uma consciência em que domina a autoconsciência” (1984, p. 126). Em sua psicologia, Jung procura mostrar que o homem não é consciente de tudo, porque não é possível dizer que temos uma totalidade de consciência sobre os dados do mundo e sobre nós mesmos; e que de nossas questões inconscientes devemos começar a busca de uma maior consciência de si. Sobre isso, Jung comenta o seguinte.

O mundo da consciência caracteriza-se sobremaneira por uma certa estreiteza; ele pode apreender poucos dados simultâneos num dado momento. Enquanto isso tudo o mais é inconsciente – apenas alcançamos uma espécie de continuidade, de visão geral ou de relacionamento com o mundo consciente através da *sucessão* de momentos conscientes [...] A área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto a área da consciência é um campo restrito de visão momentânea [...] Coloco o inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente. As funções mais importantes de qualquer natureza instintiva são inconscientes, sendo a consciência quase que um produto dessas grandes áreas obscuras. (1972, p. 24-25, itálico do autor)

Jung mostra assim que para além do que é consciente, o homem também existe no inconsciente, porém numa dimensão muito mais extensa. Esse homem inconsciente existe de forma dissociada do consciente, mas o inconsciente é a misteriosa matriz psicológica instintiva do homem. Essa dissociação passa a ser um entrave no desenvolvimento psicológico dos indivíduos quando o conteúdo inconsciente não é reconhecido ou percebido pelo sujeito consciente.

Segundo Jung (1984), uma das formas de superação dessa dissociação pode se dar na busca de um diálogo entre um e outro “eu”, e nas contradições que eles podem apresentar um ao outro, em busca de

uma melhor definição de si. Um eu exterior e um eu interior, que temos que aprender a conciliar ou relacionar de forma verdadeira, em busca de um si-mesmo verdadeiro.

Com isso, Jung propõe a idéia de um segundo eu a ser descoberto (ou mesmo contradito), uma vez que o homem existe tanto em seu consciente (autoconsciência) quanto em seu universo inconsciente, de maneira dissociada, porém complementar, comunicável entre si por meio de arquétipos, símbolos, mitos, etc, sendo, portanto, promovida de maneira indireta, mediada, simbólica, mitológica, histórica, cultural. Assim, existimos enquanto representação consciente de nós mesmos e enquanto representação inconsciente de nós mesmos, sendo o encoberto mais extenso e ainda fundamento do que está consciente num dado momento. O diálogo entre essas representações é possível e até psicologicamente desejável, segundo Jung, para o processo de *Individuação*.

Segundo Jung (1978), a *Individuação* é um caminho em direção ao nosso próprio si-mesmo, ou uma realização a partir do si-mesmo. Não na base de um individualismo – que para Jung é diferente de individuação – mas na base da realização das qualidades coletivas do ser humano, promovendo um melhor desenvolvimento social. Jung (1978, p. 163) explica que *Individuação* significa tornar-se “um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos pois traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si-mesmo’ (verselbstung) ou ‘o realizar-se do si-mesmo’ (selbstverwirklichung)”. Para Jung, a singularidade do indivíduo é justamente a compreensão do que ele tem de substancial, numa combinação dos elementos psicológicos que ele possui em sua substancialidade. Nesse sentido, a *Individuação* é um processo de desenvolvimento psicológico, que permite o entendimento ou a busca do ser único que de fato do indivíduo é, dentro da coletividade em que vive (JUNG, 1978).

Para a *Individuação*, é preciso despojar-se principalmente do falso que envolve nossa *Persona*. Jung comenta que “através da persona o homem quer *parecer* isto ou aquilo, ou então se esconde atrás de uma ‘máscara’, ou até mesmo constrói uma persona definida, a modo de muralha protetora” (1978, p. 164, itálico e aspas do autor).

Segundo Jung, a *persona* é

um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. Só quem estiver totalmente identificado com sua persona até o ponto de não conhecer-se a si mesmo,

poderá considerar supérflua essa natureza mais profunda. (1978, p. 182)

A *Persona* está relacionada com o desempenho de papéis sociais², com o contexto externo da vida de um indivíduo ou com uma imagem social e cultural. Jung explica que a sociedade espera que um indivíduo desempenhe um papel social e considere seus semelhantes nessa atuação, forçando o Eu ligar-se à *persona* nesse sentido. Essa ligação, se levada ao extremo de desconsiderar conteúdos inconscientes, pode fazer a pessoas, como diz Jung, “acreditarem que são o que imaginam ser” para o mundo exterior (1978, p. 183). Então, Jung (1978, p. 185) comenta que “é importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros. É igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente”.

Para a realização do processo de *Individuação* por parte de uma pessoa, é preciso, então, que ela realize dois movimentos psicológicos importantes: despojar-se do que é falso na *Persona* e penetrar no conteúdo inconsciente, que o complementa. Segundo Goldbrunner, “uma primeira exigência no caminho para a personalidade é distinguir-se da *Persona*, separar-se dela com toda a clareza, tender à harmonia entre o interior e exterior e ser por fora aquilo que a pessoa é por dentro” (1961, p. 140-141). O si-mesmo, portanto, está inicialmente encoberto, inconsciente, mas potencialmente apto a ser conscientizado pelo indivíduo que conseguir realizar os movimentos psicológicos acima, questionando da aparência da *Persona* a busca do verdadeiro³, e dialogando de maneira produtiva, mais esclarecida, (mesmo que sofrida) com o que está em nós encoberto, inconsciente. Segundo Jung, o inconsciente nos explica muito melhor do que a consciência nos faz crer quem somos, enquanto indivíduos psicologicamente constituídos entre o individual e o coletivo, entre o exterior e o interior.

No processo de *Individuação*, aquilo que temos de *Persona* e o que temos no inconsciente, podem ser tanto complementares quanto contrastantes, a depender da história psicológica de cada um face ao contexto de vida experimentado, e do tanto de harmonia que o processo de *Individuação* pode gerar desse diálogo entre consciente e inconsciente, entre o verdadeiro e o falso (Byington, 1988). Assim sendo, posso dialogar comigo mesmo, numa conversação psicológica importante para um processo de *Individuação*.

Em suma, Goldbrunner (1961, p. 141) comenta que com a *persona* se misturam os conteúdos do inconsciente, e que “quando os analisamos, vemos em espelho uma imagem, que sem dúvida é de molde a

² Byington (1988) comenta que a *Persona* envolve adaptação social, como também as dificuldades psicológicas que podem advir dessa também difícil tarefa de lidar com o coletivo, com o mundo exterior. Desajustes podem ser daí decorrentes, e mecanismos de defesa podem ser gerados a partir da *Persona* em conflito, considerando a alteridade com que normalmente o social se constitui.

³ Byington (1988) comenta que uma *Persona* mais esclarecida contribui para o desenvolvimento da *Individuação* e para a transformação social, quando a exercemos de forma mais refletida.

abater o vôo elevado do Ego ‘irrepreensível’ e trazê-lo ao solo”. A nosso ver, essa imagem no espelho que abate o vôo onipotente do Ego e o traz ao solo da verdade e do si-mesmo, tem relação com o tema do *duplo* que abarcamos no início do trabalho, em termos psicológicos. E acreditamos que essa mesma lógica pode ser aplicada na análise do *duplo* na obra de Borges, como sendo uma conversação eu-outro em busca do si-mesmo, ou seja, um eu conversando com um outro, que é ele mesmo.

Por exemplo, Jorge Luis Borges, busca uma referência mais clara de si mesmo conversando com um outro que é ele mesmo, como ocorre no texto *Borges y Yo*. Acreditamos que esse texto contém um estratagema psicológico em forma literária, oriundo da criatividade do grande poeta e ensaísta, como uma conversação eu-outro em busca do si-mesmo. Como o escritor projeta-se em seu próprio texto, sinaliza também para o que está nele encoberto. Usando o vocabulário do próprio Borges, seria um labirinto psicológico dentro do próprio homem, a ser decifrado por ele mesmo. Para isso, é preciso entrar no labirinto de retas galerias e círculos secretos, como comenta Borges no poema *El Laberinto* (1974, p. 987).

Zeus no podría desatar las redes
de piedra que me cercan. He olvidado
los hombres que antes fui; sigo el odiado
camino de monótonas paredes
que és mi destino. Rectas galerías
que se curvan em círculos secretos
al cabo de los años. Parapetos
Que há agrietado la usura de los días.
En el pálido polvo he descifrado
rastros que temo. Ela ire me há traído
en las cõncavas tardes un bramido
o el eco de un bramindo desolado.
Sé que en la sombra hay Outro, cuya suerte
es fatigar las largas soledades
que tejen y destejen este Hades
y ansiar mi sangre y devorar mi muerte.
Nos buscamos los dos. Ojalá fuera
éste el último día de la espera.

Contudo, como assinala Jung (1978), do labirinto do processo de *Individuação*, da perspectiva de um aprofundamento na distinção do que é verdadeiro na *persona* e do que pode revelar um sombrio inconsciente – e no diálogo produtivo entre eles –, sairá um indivíduo mais claro, mais autônomo, mais verdadeiro tanto para o coletivo onde vive, quanto para si mesmo. Por isso, esse encontro eu-outro, que é a pessoa mesma, é necessário acontecer nos espelhos, para colocar o Ego em sua verdadeira posição ou dimensão em relação ao exterior e ao interior do indivíduo.

Entendemos que as premissas acima são apropriadas para uma reflexão sobre o *duplo* na literatura de Borges, seja nos objetos ou no encontro entre personagens numa conversação fictícia ou não. Para Jung, a contradição entre consciente e inconsciente desvela, e assim revela o verdadeiro homem. Entendemos que Borges, em sua literatura fantástica, ou por meio do simbólico, da arte, faz, no *duplo*, reflexões típicas de um processo de *Individuação*.

Psicologicamente, acreditamos que o recurso literário do *duplo* utilizado por Borges em sua literatura prestou-se também, para o autor, como um caminho de elaboração intelectual e afetiva de si mesmo, de seu ego e de zonas inconsciente de sua vida; recursos que a arte tem condições de propiciar, de fato, a todo indivíduo.

O Duplo em Borges

Refletir sobre o universo intelectual e psicológico desse extraordinário escritor argentino, que nem mesmo a cegueira o proibiu de ser, é uma tarefa difícil, porém necessária a qualquer leitor de Borges ou apreciador da literatura. Nossa tentativa nessa direção será examinar pelo viés do *duplo* que Borges faz entremear em sua obra, uma conversação psicológica em busca de uma singularidade, um si-mesmo. Esse intrincado duplo que cerca a todos nós, e que é a um só tempo admirável e terrível, como parece ser toda psicologia humana e todo encontro consigo mesmo – homens em labirintos.

Borges, em sua obra literária, faz pelo menos dois tipos de descrição de si mesmo: uma falando de conteúdos de sua vida sem duplicação clara de personagem, como podemos ver em *Otro Poema de los Dones*; e outro tipo como uma conversação de Borges com um outro, que é ele mesmo, ou então apresentando um “outro” capaz de explicar seus próprios dilemas. Para uma aproximação com a psicologia junguiana, enfocando o processo de *Individuação*, abordaremos a segunda modalidade que apontamos acima.

Antes, porém, é preciso vislumbrar o *duplo* na literatura de Borges. Nesse caso, Sarlo (2001) explica o *duplo* em Borges da seguinte maneira.

En el laberinto mayor hay un espacio que también se llama Laberinto, cumpliendo así con el requisito borgeano de la puesta en abismo: figuras dentro de figuras. Duplicaciones, fotografías, traducciones, manuscritos y obras impresas, cuadros, espejos, réplicas, superficies pulidas, hacen su papel de dobles. Los relojes de bolsillo acumulados sin orden en una vitrina, el reloj de arena en otra, muestran un tiempo detenido, circular y periódico como el que Borges conjeturó en relatos y poemas.

O tema do duplo, ou da duplicação do indivíduo, que Beatriz Sarlo vê como uma espécie de labirinto enigmático, na obra de Borges se constata em meio a fotografias, quadros e espelhos que, por sua natureza, podem duplicar imagens; mas também por meio de traduções, obras literárias, de relógios de areia e do próprio tempo que a tudo envolve. Isso nos traz uma perspectiva ampla do *duplo* na obra de Borges, que ao mesmo tempo é objeto e linguagem, é concreto e metafórico.

Além de objetos e espelhos, Borges duplica figuras dentro de figuras, no sentido de uma conversação entre dois personagens que, no fundo, são um só. A duplicação do humano, como luz e sombra, consciente e inconsciente, aparente e encoberto, é a grande questão que nos leva a analisar o *duplo* na obra de Borges, que vemos como metáforas condizentes com o conceito de *Individuação*, que em nossa hipótese Borges tentou empreender por meio de seus escritos e do simbolismo que expressam.

No *Poema de los Dones* (1974, p. 809), do livro *El Hacedor*, Borges sinaliza um embate psicológico entre a luz que a literatura pode produzir e a noite (que se confunde com a cegueira), como se fosse semelhante a morrer de sede diante de um manancial. Contudo, não nos iludamos com que essa imagem pode transmitir de concreto, porque Borges mora na metáfora. Nesse sentido, Borges evoca o contraste entre um eu plural (dentro de uma clara biblioteca) e uma sombra, como uma maldição que torna o homem único nesses dois elementos que formam a psique: a palavra entre o claro e o escuro. A literatura mostrando um mundo revelado pela palavra, e a sombra que contém outros mundos a serem revelados.

Nadie rebaje a lágrima o reproche
Esta declaración de la maestría
De Dios, que con magnífica ironía
Me dio a la vez los libros y la noche.

De hambre y de sed (narra una historia griega)
Muere un rey entre funetes y jardines;
Yo fatigo sin rumbo los confines
De esa alta y honda biblioteca ciega.

Al errar por las lentas galerías
Suelo sentir con vago horror sagrado
Que soy el outro, el muerto, que habrá dado
Los mismos pasos en los mismos días.

¿Cuál de los dos escribe este poema
De un yo plural y de una sola sombra?
¿Que importa la palabra que me nombra

Si es indiviso y uno el anátema?

Essa relação entre luz e sombra que Borges por vezes faz alusão em sua obra, remete ao aparente e ao encoberto que consciente e inconsciente jogam entre si. Como símbolos importantes em sua vida, os livros e as noites traduzem todo um campo de tensão em sua existência.

Entendemos que duplicar-se no espelho é semelhante à pergunta que Borges faz no verso acima: qual dos dois escreve o poema, de um eu plural ou de uma única sombra?

Essa pode ser uma forma literária de ver-se mais de perto, talvez se percebendo nas ranhuras do espelho que reflete a imagem, ou nas linhas de um texto, o que se revela do próprio homem. A nosso ver, no poema *Los Espejos*, essa questão aparece, conforme trechos que abaixo transcrevemos.

Espejos de metal, enmascarado
Espejo de caoba que em la bruma
De su rojo crepúsculo disfuma
Esse rostro que mira y es mirado.

Que haya sueños es raro, que haya espejos,
Que el usual y gastado repertorio
De cada día incluya el ilusório
Orbe profundo que urden los reflejos.

Dios (he dado em pensar) pone un empeño
En toda esa inasible arquitectura
Que edifica la luz com la tersura
Del cristal y la sombra com el sueño.

Dios há creado las noches que se arman
De sueños y las formas del espejo
Para que el hombre sienta que es reflejo
Y vanidad. Por eso nos alarman.

O que o cristal do espelho pode mostrar entre o claro e o escuro, pode também mostrar de ilusório e verdadeiro. O Ego, no limite entre a *Persona* e o inconsciente, procura se manter incólume diante dos desafios que o si-mesmo verdadeiro, singular, lhe impõe vindo da sombra do inconsciente. Atravessar o espelho seria mergulhar em outra face, mais oculta, mais sombria, que como uma jornada no contraste noite-dia, pode trazer outra luz à vida. Como Borges sugere no poema *Everness* (1974, p. 927).

Solo una cosa no hay. Es el olvido.
Dios, que salva el metal, salva la escoria
Y cifra em Su profética memoria

Las lunas que serán y las que han sido.
Ya todo está. Los miles de reflejos
Que entre los dos crepúsculos del día
Tu rostro fue dejando em los espejos
Y los que irá dejando todavía.
Y todo es una parte del diverso
Cristal de esa memoria, el universo;
No tienen fin sus arduos corredores
Y las puertas se cierran a tu paso;
Solo del otro lado del ocaso
Verá los Arquétipos y Esplendores.

Dos reflexos para a conversação eu-outro, que é o mesmo, podemos notar textos em que Borges sinaliza um encontro com questões de sua vida. O espelho, agora encarnado no outro reconhecido como Borges, faz um diálogo com os significados da vida, buscando interpretar o outro e ao mesmo tempo interpretar a si mesmo. Na literatura de Borges, essa conversação eu-outro, essa duplicação, aparece imersa em cenas cujo panorama está repleto de objetos simbólicos, mágicos, que, juntamente com a linguagem, mostram-se vetores importantes para o *duplo* que se promove em meio a esses objetos representativos (em parte, objetivação do imaginário que se faz na linguagem).

No trecho abaixo de *Borges y Yo*, podemos notar objetos magicamente ligados à trama que se apresenta: relógio de areia, mapas e letras tipográficas. Não é casual a apresentação desses objetos, na trama. Eles são vetores simbólicos da duplicação: tempo (relógio), espaço (mapa) e escrita (tipografia). Elementos do universo mágico e psicológico de Borges que o ajudam a tramar o *duplo*.

Al otro, a Borges, es a quien le ocurren las cosas. Yo camino por Buenos Aires y me demoro, acaso ya mecánicamente, para mirar el arco de un zaguán y la puerta cancel; de Borges tengo noticias por el correo y veo su nombre en una terna de profesores o en un diccionario biográfico. Me gustan los relojes de arena, los mapas, la tipografía del siglo XVIII, las etimologías, el sabor del café y la prosa de Stevenson; el otro comparte esas preferencias, pero de un modo vanidoso que las convierte en atributos de un actor. Sería exagerado afirmar que nuestra relación es hostil; yo vivo, yo me dejo vivir, para que Borges pueda tramar su literatura y esa literatura me justifica. Nada me cuesta confesar que há logrado ciertas páginas válidas, pero esas páginas no me pueden salvar, quizá porque lo bueno ya no es de nadie, ni siquiera del otro, sino del lenguaje o la tradición. Por lo demás, yo estoy destinado a perderme, definitivamente, y solo algún instante de mi podrá sobrevivir em el otro. Poco a poco voy cediéndole todo, aunque me consta su perversa costumbre de falsear y magnificar. Spinoza entendió que todas as cosas quieren perseverar en su ser; la piedra eternamente quiere ser piedra y el tigre un tigre. Yo he de quedar en Borges, no en mí (sí es que alguien soy), pero me reconozco menos en sus libros que en muchos otros o que en el laborioso rasgueo de una guitarra. Hace años yo traté de librarme de él y pasé de las mitologías del arrabal a los juegos con el tiempo y con lo infinito, pero esos juegos son de Borges ahora y tendré que idear otras cosas. Así mi vida es una fuga y todo lo pierdo y

todo es del ovido, o del outro. No sé cuál de los dos escribe esta página. (1974: 808)

Entendemos que um Borges – aquele reconhecido pelo correio, pelos professores e pelos dicionários – é a *persona*; o outro – que se reconhece menos em seus livros – está na sombra, ocultado. Nessa relação *persona* e inconsciente, um sobrevive no outro, ou um persevera no outro, como um jogo de luz e sombra, porém não compartilham as mesmas coisas. Mas, quando diz, “seria exagerado afirmar que nuestra relación es hostil; yo vivo, yo me dejo vivir, para que Borges pueda tramar su literatura y esa literatura me justifica”, um acordo psicológico pode ser notado, garantido pela literatura. No entanto, não saber qual dos dois escreve a página, mantém o *duplo* como um enigma, como uma confusão sobre o si-mesmo em Borges.

Já no caso do texto *25 de agosto de 1983*, escrito depois do texto acima, Borges apresenta o *duplo* de uma forma mais direta, porém não menos fantástica. Vai até um hotel onde ele mesmo já estava hospedado, e onde uma conversação eu-outro será mantida. No quarto do hotel, assim é o encontro com o outro, que é ele mesmo.

De costas, na estreita cama de ferro, mais velho, enfraquecido e muito pálido, estava eu, os olhos perdidos nos altos ornamentos de gesso. Chegou-me a voz. Não era exactamente a minha; era a que costumo ouvir nas minhas gravações, ingrata e sem matizes.

A voz ingrata e sem matizes descreve psicologicamente o outro. O processo de *Individuação* demanda distinguir a *pesona* e adentrar no inconsciente, no que está ocultado, procurando produzir um diálogo esclarecedor e produtivo. Entendemos que Borges expressa nesse texto, essa intenção, e uma das chaves para isso seria revelar o momento mais terrível da vida. Aquele segredo que, provavelmente, prova que Borges não são dois. Mas, a falta de verdade mantém o *duplo*. Para Jung, é justamente a busca da verdade que pode garantir o processo de *Individuação*. Mas, estamos analisando o *duplo* na literatura de Borges, e nela, paradoxalmente, ser dois, garante a identidade do Borges escritor.

— Quem sonha quem? Eu sei que te sonho, mas não sei se me estás a sonhar. O hotel de Adrogué foi demolido há já tantos anos, vinte, talvez trinta, quem sabe.

— O sonhador sou eu — repliquei, com certo desafio.

— Não te dás conta de que o fundamental é averiguar se há um só homem a sonhar ou dois que se sonham.

— Eu sou Borges, que viu o teu nome no registo e subiu.

— Borges sou eu, que estou a morrer na Rua Maipú. Houve um silêncio, o outro disse-me:

— Vamos tirar a prova. Qual foi o momento mais terrível da nossa vida?

Inclinei-me sobre ele e falamos os dois ao mesmo tempo. Sei que os dois mentimos.
Um ténue sorriso iluminou-lhe o rosto envelhecido. Senti que esse sorriso reflectia, de algum modo, o meu.
— Mentimo-nos — disse-me —, porque nos sentimos dois e não um. A verdade é que somos dois e não um.

Então, a morte vem voraz, e testa o *duplo* em sua extensão existencial, assim como faz com todos nós. A morte (ou o morrer), esse assombro antigo, é um dos grandes temas da humanidade, assim como o é o envelhecer. O outro Borges que morre, nesse texto, é o velho, o que já viveu. Desse modo, Borges aborda o humano nele e em todos nós. A literatura torna possível essa elaboração, esse jogo simbólico, sem vítimas reais. E Borges se apropria da morte reconhecendo o *duplo* e verificando que a morte pertence aos dois. Borges não diz exatamente que morre junto com o outro, o *duplo*, mas que, de certo modo morre, porque o outro já não existe.

Deixou de falar, compreendi que tinha morrido. De certo modo eu morria com ele; inclinei-me aflito sobre a almofada e já não havia ninguém.

Contudo, a morte leva Borges sem seu duplo, metaforicamente, *para fora*, passando por um cenário que também já não existe, mas onde outros sonhos o aguardam. Nos momentos em que Borges produz o *duplo* em sua literatura, vemos que o cenário sempre foi importante pano de fundo para essa produção de duplicação. Nesse texto, o cenário morre junto com o morto Borges. Diante de um cenário desaparecido e vazio de todo vetor materialmente significativo (como antes), paradoxalmente, resta de tudo o que, de fato, sempre manteve o Borges escritor vivo: o sonho.

Fugi do quarto. Lá fora não estava o pátio, nem as escadas de mármore, nem a grande casa silenciosa, nem os eucaliptos, nem as estátuas, nem o caramanchão, nem as fontes, nem o portão da grade da quinta na povoação de Adrogué.
Lá fora, esperavam-me outros sonhos.

O sonho, o fantástico, o simbólico, parece-nos ser o secreto centro de Borges; seu lugar de *individuação* onde um si-mesmo se abriga numa sombra, mas é, ao mesmo tempo, tocado pela luz da literatura do próprio Borges, enfim, traduzido, simbolizado. Assim, na trama dos textos o Borges que escreve, sobrevive, mesmo que não se saiba ao certo que Borges realmente escreve.

Comentários Finais

Em Bachelard vemos que, pela imaginação, o ego se traduz, e o inconsciente é simbolizado pela eclosão da linguagem em metáfora, ou em sonho. Felício faz o seguinte comentário.

A imaginação produtora, a única verdadeira, se caracteriza pela incompatibilidade radical com toda forma de lógica. E neste sentido ela “desorienta” os espíritos racionalistas, isso porque a imaginação provém do ego obscuro, de que é a sua tradução. Sua função é transpor para imagens objetivas o impulso que nasce da zona cega dos instintos; e, se se utilizam imagens concretas fornecidas pela lembrança e pelos sentidos, a imaginação se serve com total desenvoltura e não receptivamente. A imaginação é, então, uma *projeção* do ego sobre certas lembranças valorizadas, traíndo segredos íntimos na linguagem das coisas exteriores. É essa transferência do sujeito para o objeto que permite a distinção dos temperamentos. O imaginário é a simbolização do ego ilógico, e a imaginação é *irmã* do sonho. (1994, p. 69, aspas e itálico da autora).

Na psicologia de Jung, o simbólico é um caminho para se chegar ao inconsciente, e em Bachelard caminho de tradução e significação do Eu pela linguagem metafórica, mediadora, e que garante, assim, a simbolização de segredos ou questões inconscientes. Essas perspectivas conceituais permitem que o *duplo* na literatura de Borges seja analisado como um caminho de decifração pessoal sobre o mundo representando o ego e o inconsciente borgeano.

Desse modo, entendemos que uma das formas que a literatura tem para revelar conflitos ou incógnitas do homem com ele mesmo, está no recurso simbólico do *duplo*, que propicia interpretações sobre contrastes ou contrários no próprio sujeito, ou nos personagens aludidos pela literatura. Borges faz esse processo com maestria. A nosso ver, a obra literária de Borges foi, para Borges, seu próprio espelho, e fonte simbólica para pensar seu Eu e seu outro mais interior.

De uma perspectiva psicológica, essa duplicação literária de uma figura refletida ou dentro de outra, que Borges pratica em sua obra, é da ordem da concepção da existência humana: o homem nos contrastes da vida e consigo mesmo. O *duplo* em Borges apresenta-se na forma de uma conversação onde emissor e destinatário se (con)fundem numa mesma expressão ou conversa. No estilo literário e na profundidade fantástica que Borges emprega no recuso do *duplo*, encontramos uma maneira de vislumbrar o eu e outro, que é a mesma pessoa, em metáforas esclarecedoras, servindo de mágica decifração de zonas obscuras da alma, em busca exatamente de seu secreto centro: numa palavra que pode ser outra e ao mesmo tempo igual; num tempo que pode ser outro e também o mesmo; num rosto que pode ser outro e refletir a mesma face; num personagem que pode ser outro e ele mesmo – em labirintos, tigres, espelhos, relógios de areia, tabuleiros de xadrez, bibliotecas cegas, quartos de hotel, enfim objetivações de uma subjetividade inquieta.

Borges é o outro e ele mesmo. Isso longe de representar uma ruptura com o real, ou supor uma

função psicóide, psicologicamente mostra um indivíduo tão comum, tão concreto e ao mesmo tempo tão simbólico como qualquer homem que procura a *individuação*: seguro e inseguro, certo e incerto, em constante construção de identidade, em busca de si mesmo. Assim, vemos o *duplo* na obra de Borges, como uma tentativa de elaboração do si-mesmo. Sua própria literatura permitiu que Borges fizesse esse movimento com a propriedade dos símbolos.

Mas, esse processo psicológico não é privilégio dos escritores somente. De fato, Byington (1988), explica que a Arte e a criatividade do artista servem para auxiliar a humanidade a lidar com os questionamentos conscientes e inconscientes da vida, através do simbólico e de tudo que ele pode representar de revelação para a psique humana. Mas Byington também adverte que essa possibilidade ou essa capacidade não deve ser identificada com grandes nomes da arte apenas, como sendo possível somente a estes. Nesse sentido, Byington (1988, p. 47) comenta que

uma das descobertas mais revolucionárias da psicologia é que a criatividade é arquetípica e está com todos nós. A criatividade das artes, das ciências, da política, da religiosidade, de todas as musas enfim, é a mesma que contribui para a formação e o crescimento da consciência. Afinal não foi Apolo, o pai das musas, senhor do oráculo de Delfos, que durante séculos orientou a Grécia sob o lema *Gnote Sauton* (conheça-te)?

REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. *25 de Agosto, 1983*. Obras Completas de Jorge Luiz Borges. Lisboa: Editorial Teorema, 1998, vol. II. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/borgesjorgeluis/>. Acessado em 10/05/2008.

BORGES, J. L. *Jorge Luis Borges – Obras Completas: 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

BYINGTON, C. *Estrutura da Personalidade: persona e sombra*. São Paulo: Ática, 1988.

FELÍCIO, V. L. G. *A Imaginação Simbólica nos Quatro Elementos Bachelardianos*. São Paulo: EdUSP, 1994.

GOLDBRUNNER, J. *Individuação: a psicologia de profundidade de Carlos Gustavo Jung*. São Paulo: Editora Herder, 1961.

JUNG, C. G. *Fundamentos de Psicologia Analítica: as conferências de tavistock*. Petrópolis: Vozes, 1972.

JUNG, C. G. *Estudos Sobre Psicologia Analítica*. Obras Completas de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 1978, vol. VII.

JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Obras Completas de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 1984, vol. VIII/2.

SARLO, B. "*Borges en su laberinto*" *Borges Studies Online*. On line. J. L. Borges Center for Studies & Documentation. University of Iowa, 2001. Originalmente publicado em *Página 12*, setembro de 1993. Disponível em: <http://www.uiowa.edu/borges/bsol/bsbl.php>, acessado em 10/05/2008.